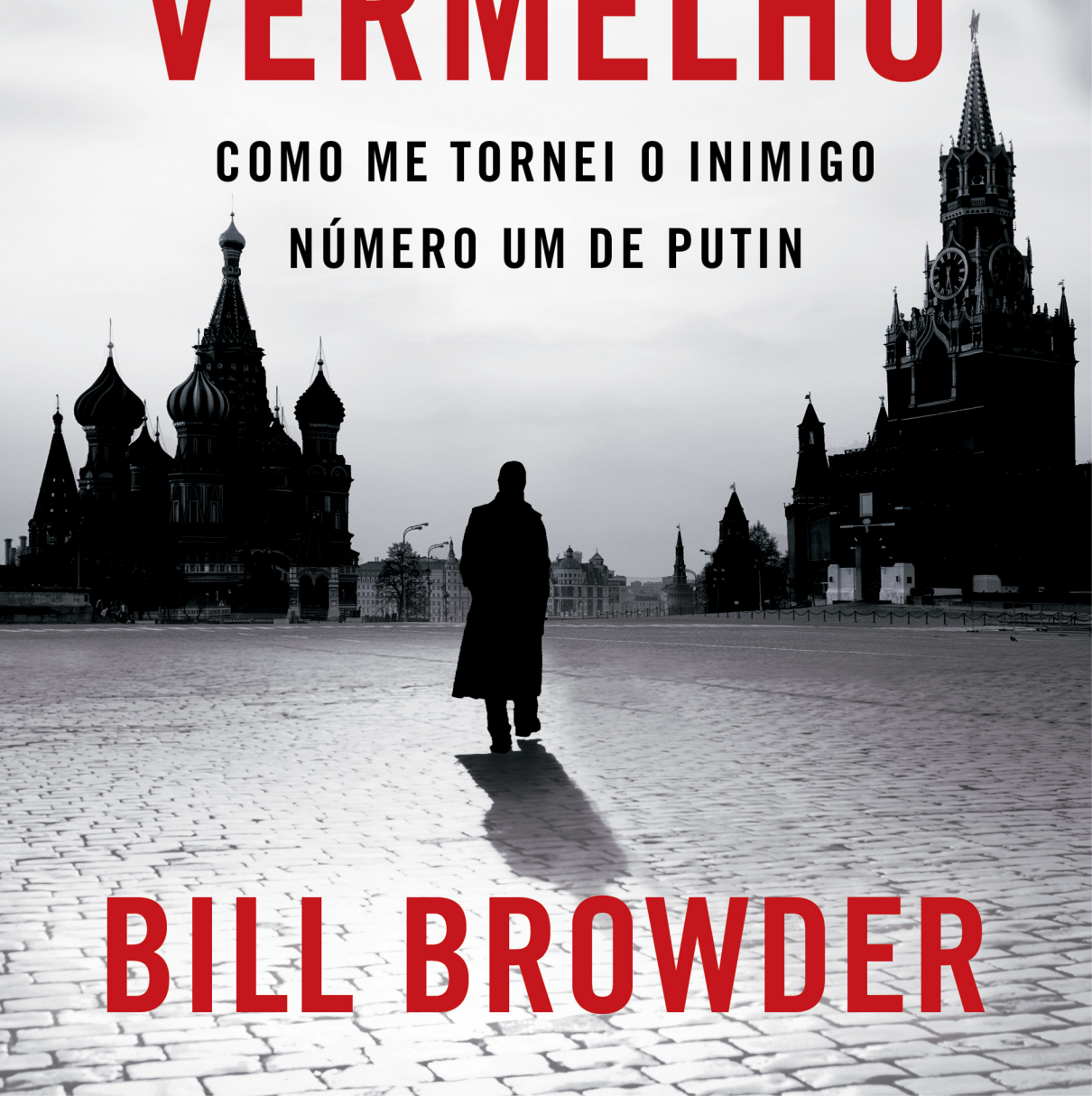
"Uma fervorosa batalha pessoal contra o Kremlin."
Financial Times

intrínseca

ALERTA VERMELHO

COMO ME TORNEI O INIMIGO NÚMERO UM DE PUTIN



BILL BROWDER

BILL BROWDER

ALERTA VERMELHO

COMO ME TORNEI O INIMIGO NÚMERO UM DE PUTIN

TRADUÇÃO DE MARCELO LEVY

intrínseca

Copyright © 2015 by Hermitage Media Limited

TÍTULO ORIGINAL
Red Notice: How I Became Putin's Nº 1 Enemy

REVISÃO
Eduardo Carneiro

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

DESIGN DE CAPA
Flamur Tonuzi

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

FOTO DE CAPA
© Will & Deni McIntyre/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B896a

Browder, Bill, 1964-
Alerta vermelho : como me tornei o inimigo número um de Putin / Bill Browder ; tradução Marcelo Levy. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

400 p. ; 23 cm.
Tradução de: Red notice: how i became Putin's no. 1 enemy
Inclui índice
ISBN 978-85-510-0000-7

1. Profissionais de negócios - Biografia. 2. Administração. 3. Negócios. I. Levy, Marcelo. II. Título.

16-32492 CDD: 923.3
CDU: 929:330

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Sumário

1	*Persona non grata*	11
2	Como ser rebelde em uma família de comunistas?	22
3	Chip e Winthrop	28
4	"Podemos arranjar uma mulher para mantê-lo quente à noite"	36
5	O tcheco sem fundos	50
6	A Frota de Barcos Pesqueiros de Murmansk	63
7	Villa Leopolda	75
8	Greenacres	88
9	Dormindo no chão em Davos	98
10	Ações preferenciais	105
11	Sidanco	115
12	O peixe mágico	125
13	Advogados, armas e dinheiro	134
14	Adeus, Villa d'Este	143
15	E caímos todos	150
16	*A última grande lição*	156
17	Análise do roubo	167
18	Cinquenta por cento	176

19	Ameaça à segurança nacional	183
20	Vogue Café	187
21	O G8	197
22	As batidas	204
23	Departamento K	215
24	"Mas as histórias russas nunca têm final feliz"	220
25	Embaralhando sons	230
26	A charada	242
27	DHL	250
28	Khabarovsk	260
29	O nono mandamento	268
30	16 de novembro de 2009	283
31	O método Katyn	292
32	A guerra de Kyle Parker	302
33	Russell 241	311
34	Os Intocáveis da Rússia	323
35	Contas na Suíça	329
36	A Princesa dos Impostos	336
37	Sobre salsichas e leis	339
38	A delegação Malkin	352
39	Justiça para Sergei	361
40	De humilhador a humilhado	368
41	Alerta vermelho	374
42	Sentimentos	382
	Agradecimentos	391
	índice remissivo	393

1

Persona non grata

13 de novembro de 2005

Sou um homem de números, por isso começarei com alguns importantes: 260, 1 e 4.500.000.000.

Eis o que significam: a cada dois fins de semana, eu viajava de Moscou, cidade onde morava, rumo a Londres, cidade que eu considerava meu lar. Tinha feito o percurso 260 vezes nos últimos dez anos. O objetivo número "1" dessas viagens era visitar meu filho, David, então com oito anos, que morava com minha ex-mulher em Hampstead. Quando nos divorciamos, assumi o compromisso de visitá-lo a cada dois fins de semana, não importava o que acontecesse. Nunca havia quebrado a promessa.

Havia 4.500.000.000 motivos para voltar a Moscou com tanta regularidade: esse era o valor total em dólares dos ativos sob gestão da Hermitage Capital, empresa da qual eu era fundador e CEO. Ao longo da década eu fizera muita gente ganhar muito dinheiro. Em 2000, o Fundo Hermitage fora classificado como o de melhor desempenho em mercados emergentes do mundo. Tínhamos gerado rentabilidade de 1.500% para os investidores que estavam conosco desde que lançamos o fundo, em 1996. O sucesso do meu negócio superou, e muito, minhas expectativas mais otimistas. A Rússia pós-União Soviética havia experimentado algumas das oportunidades de investimento mais espetaculares da história dos mercados financeiros; trabalhar lá tinha sido tão ousado — e às vezes perigoso — quanto lucrativo. Nunca entediante.

Eu já havia feito a viagem de Londres para Moscou tantas vezes que sabia de cor seus detalhes: quanto tempo levava para passar pela segurança no aeroporto de Heathrow, para embarcar no avião da Aeroflot, para o avião decolar e voar rumo a leste, em direção ao país já coberto pela noite e sobre o qual, naquela altura do ano, meados de novembro, avançava rapidamente para mais um frio inverno. Eram 270 minutos de voo, tempo suficiente para folhear o *Financial Times,* o *The Sunday Telegraph*, a *Forbes* e o *The Wall Street Journal,* assim como outros documentos e e-mails importantes que porventura houvesse.

Enquanto o avião ganhava altitude, abri minha maleta para pegar as leituras do dia. Junto com os documentos, jornais e revistas, havia uma pequena pasta de couro que continha 7.500 dólares em notas de 100. Com elas, eu teria maiores chances de conseguir embarcar naquele mítico último voo saindo de Moscou — como fizeram os poucos que, por um triz, conseguiram fugir de Phnom Penh ou Saigon antes que seus países cedessem ao caos e à ruína.

Mas eu não estava fugindo de Moscou. Estava voltando para lá, voltando para o trabalho. E, por isso, precisava me inteirar das notícias do fim de semana.

Um artigo da *Forbes* que li no fim do voo chamou minha atenção. Era sobre um sino-americano chamado Jude Shao que, como eu, tinha feito MBA em Stanford. Ele estudara na escola de administração poucos anos depois de mim. Eu não o conhecia, mas, também como eu, ele era um homem de negócios bem-sucedido em terras estrangeiras. No caso dele, a China.

Shao entrou em rota de colisão com algumas autoridades corruptas da China e, em abril de 1998, foi preso ao se negar a pagar 60 mil dólares de propina a um fiscal de impostos de Xangai. Shao acabou condenado com base em provas falsas forjadas para incriminá-lo e sentenciado a dezesseis anos de prisão. Alguns ex-alunos de Stanford chegaram a organizar uma campanha para fazer lobby por sua libertação, mas não tiveram êxito. Enquanto eu lia o artigo, Shao apodrecia em alguma nojenta prisão chinesa.

O artigo me causou arrepios. A China era dez vezes mais segura que a Rússia para se fazer negócios. Por alguns minutos, à medida que o avião descia dez mil pés rumo ao aeroporto Sheremetyevo, em Moscou, fiquei me perguntando se eu não estava sendo burro. Por muitos anos, minha principal abordagem como investidor tinha sido a da compra agressiva de ações. Na Rússia, isso significava

desafiar a corrupção dos oligarcas, mais ou menos vinte homens que, de acordo com o que era noticiado, teriam roubado 39% do país após a queda do comunismo, tornando-se bilionários praticamente da noite para o dia. Os oligarcas eram donos da maior parte das empresas com ações negociadas na bolsa de valores de Moscou e frequentemente as roubavam na caradura. Eu tinha vencido a maioria das batalhas contra eles, mas, embora tenha trazido sucesso para o meu fundo, minha estratégia também trouxe muitos inimigos.

Ao terminar de ler o artigo sobre Shao, pensei: *Talvez eu devesse sossegar um pouco. Tenho muitas coisas para cuidar nesta vida.* Além de David, eu também tinha Elena, minha nova esposa, que morava em Londres. Ela era russa, linda, incrivelmente inteligente e estava nos últimos meses de gravidez do nosso primeiro filho. *Talvez eu devesse mesmo dar um tempo.*

Mas então o trem de pouso tocou o chão e eu guardei as revistas, liguei o BlackBerry e fechei a maleta. Comecei a ler meus e-mails. Meu foco foi de Jude Shao e dos oligarcas ao que eu tinha perdido enquanto estava no ar. Precisava passar pela alfândega, entrar no carro e voltar para o meu apartamento.

O aeroporto Sheremetyevo é um lugar estranho. O terminal 2, ao qual eu estava mais habituado, tinha sido construído para as Olimpíadas de 1980. Na época deve ter impressionado, mas em 2005 estava bastante deteriorado. Fedia a suor e a cigarro de má qualidade. O teto era decorado com inúmeros cilindros metálicos perfilados que mais pareciam latinhas de alumínio enferrujadas. Como não havia filas organizadas para passar pelo controle de passaportes, era preciso pegar um lugar no meio da multidão e ficar atento para que ninguém entrasse na sua frente. E coitado de quem tivesse despachado bagagem. Mesmo com o passaporte carimbado, era preciso esperar mais uma hora para retirar as malas. Depois de um voo de mais de quatro horas, não é uma forma divertida de entrar na Rússia, especialmente para quem fazia isso a cada duas semanas, como eu.

Eu vinha procedendo dessa maneira desde 1996, até um amigo me falar, em 2000, do assim chamado "serviço VIP". Por uma pequena quantia, era possível ganhar cerca de uma hora, às vezes duas. Não tinha nada de luxuoso, mas valia cada centavo gasto.

Saí diretamente do avião para o saguão VIP. As paredes e o teto eram pintados num tom de verde que lembrava sopa de ervilha. O piso era de linóleo amarron-

zado. As cadeiras, revestidas de couro marrom-avermelhado, eram razoavelmente confortáveis. Enquanto se esperava, os atendentes serviam café fraco ou chá fervido demais. Optei pelo chá com uma rodela de limão e entreguei meu passaporte ao oficial da imigração. Segundos depois, estava mergulhado na caixa de entrada de e-mail do meu BlackBerry.

Mal percebi quando meu motorista, Alexei, foi autorizado a entrar na sala e começou a conversar com o oficial da imigração. Assim como eu, Alexei tinha 41 anos, mas, diferente de mim, tinha mais de 1,90 metro de altura, pesava quase 110 quilos, era loiro e tinha feições duras. Ex-coronel da Polícia Rodoviária de Moscou, não falava uma palavra de inglês. Era sempre pontual e, conversando com guardas de trânsito, sempre conseguia se safar de pequenas confusões.

Sem prestar atenção à conversa dele com o agente da imigração, respondi aos e-mails e segui bebendo meu chá morno. Depois de um tempo, foi anunciado pelo sistema de alto-falantes do aeroporto que as bagagens do meu voo já estavam disponíveis para retirada. Foi quando me dei conta: *Já estou aqui há uma hora?*

Olhei meu relógio: *Sim*, eu já estava lá havia uma hora. Meu avião tinha aterrissado às 19h30, e eram 20h32. Os dois outros passageiros do meu voo que estavam no saguão VIP tinham saído muito tempo antes. Disparei um olhar para Alexei. Ele respondeu com outro olhar, que dizia: *Vou ver o que está acontecendo.*

Enquanto ele falava com o agente, liguei para Elena. Em Londres eram apenas 17h32, e eu sabia que ela estaria em casa. Enquanto conversávamos, eu seguia prestando atenção em Alexei e no agente. A conversa deles rapidamente se transformou em discussão. Alexei batia na mesa e o agente apenas olhava para ele.

— Tem alguma coisa errada — disse para Elena.

Levantei-me e me aproximei deles, mais irritado que preocupado, e perguntei o que estava acontecendo.

Quando cheguei mais perto, percebi que havia algo muito errado. Coloquei Elena no viva-voz e ela traduziu para mim. Aprender línguas não é o meu forte — mesmo depois de dez anos, eu mal conseguia dizer bom-dia em russo.

A conversa ia e voltava interminavelmente. Como se eu estivesse vendo uma partida de tênis, minha cabeça ia de um lado para outro.

— Acho que é um problema com o visto, mas o agente não está dizendo — disse Elena, a certa altura.

Logo depois, dois guardas uniformizados da imigração entraram na sala. Um apontou para o meu celular e o outro para a minha bagagem.

— Tem dois guardas aqui me mandando desligar o telefone e ir com eles. Ligo de novo assim que puder — disse para Elena.

Desliguei. Um dos guardas tomou minhas malas e o outro pegou meus documentos de imigração. Antes de sair com eles, olhei para Alexei. Ele estava meio boquiaberto, e seus ombros e olhos murcharam. Alexei parecia sem rumo. Ele sabia que, quando as coisas vão mal na Rússia, elas vão mal de verdade.

Serpenteei com os agentes pelos corredores nos fundos do terminal 2 do aeroporto, seguindo em direção ao saguão, bem maior, onde funcionava o serviço regular da imigração. Com meu russo medíocre, fiz perguntas aos funcionários, mas eles não diziam nada enquanto me conduziam para um salão geral de detenção. A iluminação ali era forte. Ordenadas em fileiras, as cadeiras de plástico eram soldadas no piso. A tinta bege das paredes estava descascada em diversos pontos. Alguns poucos detidos, aparentemente irritados, estavam refestelados nos assentos. Nenhum falava. Todos fumavam.

Os agentes saíram do salão. Na outra extremidade, isolados atrás de uma divisória — um balcão com vidro na parte de cima —, havia um grupo de agentes uniformizados. Escolhi uma cadeira perto deles e tentei entender o que estava acontecendo.

Por alguma razão, deixaram-me ficar com minhas coisas, inclusive o celular, que tinha um sinal aceitável. Considerei isso um presságio positivo. Tentei me organizar, mas a história de Jude Shao voltou a tomar minha mente.

Olhei para o meu relógio: 20h45.

Tornei a ligar para Elena. Ela não parecia preocupada. Disse que estava preparando um fax para funcionários da embaixada inglesa em Londres e o mandaria assim que ficasse pronto.

Liguei para Ariel, um israelense ex-integrante do Mossad que trabalhava como consultor de segurança da minha empresa em Moscou. Era considerado por muitos um dos melhores consultores de segurança do país; eu tinha certeza de que ele conseguiria resolver o problema.

Surpreso com o que estava acontecendo, ele disse que faria algumas ligações e entraria em contato comigo.

Por volta das 22h30, liguei para a embaixada britânica e falei com um homem chamado Chris Bowers, da seção consular. Ele já tinha recebido o fax de Elena e estava a par da minha situação, ou pelo menos sabia tanto quanto eu. Bowers conferiu minuciosamente todos os meus dados: data de nascimento, número de passaporte, data de emissão do meu visto, tudo, e disse que, por ser domingo à noite, ele provavelmente não conseguiria fazer muita coisa, mas mesmo assim tentaria. Antes de desligar, perguntou:

— Sr. Browder, eles lhe deram algo para comer ou beber?

— Não — respondi.

Ele emitiu um som qualquer e eu agradeci antes de desligar.

Tentei achar uma posição confortável na cadeira de plástico, mas não consegui. O tempo se arrastava. Levantei-me, caminhei de um lado para outro imerso em uma nuvem de fumaça de cigarro. Tentei não encarar o olhar vazio dos outros homens detidos ali. Chequei meus e-mails. Liguei para Ariel, mas ele não atendeu. Caminhei até a divisória de vidro e usei meu russo precário para falar com os guardas, mas fui ignorado. Eu não era nada para eles. Pior, eu já era um prisioneiro.

Vale lembrar que na Rússia não há respeito pelo indivíduo nem por seus direitos. Pessoas podem ser sacrificadas em nome do Estado, usadas como escudo, moeda de troca ou até simplesmente como ração. Se for necessário, qualquer um pode ser eliminado. Uma famosa expressão de Stálin resume bem a questão: "Sem homem, sem problema."

Foi nesse instante que Jude Shao, do artigo da *Forbes*, voltou a atormentar minha consciência. Será que eu deveria ter sido mais cuidadoso no passado? Eu estava tão habituado a enfrentar autoridades e oligarcas russos corruptos que me acostumara com a possibilidade de que, caso realmente interessasse a alguém, eu também poderia desaparecer.

Balancei a cabeça tentando expulsar Shao dos meus pensamentos. Voltei aos guardas para tentar tirar deles alguma coisa — qualquer coisa —, mas foi inútil. Retornei à minha cadeira e liguei de novo para Ariel. Dessa vez, ele atendeu.

— O que está acontecendo, Ariel?

— Conversei com várias pessoas e ninguém está dizendo nada.

— O que significa "ninguém está dizendo nada"?

— Significa que ninguém está dizendo nada. Me desculpe, Bill, preciso de mais tempo. É domingo à noite. Ninguém está disponível.

— Tudo bem. Me avise assim que souber de alguma coisa.

— Aviso, sim.

Desligamos. Tornei a ligar para a embaixada. Tampouco eles haviam feito qualquer progresso. Estavam sendo enrolados ou eu ainda não estava no sistema, ou ambos. Antes de desligar, o cônsul perguntou de novo:

— Eles lhe deram alguma coisa para comer ou beber?

— Não — repeti.

Eu tinha a impressão de que se tratava de uma pergunta totalmente sem importância, mas certamente não era o que Chris Bowers pensava. Ele deve ter vivido esse tipo de situação antes e ocorreu-me que não oferecer comida nem água parecia uma típica estratégia russa.

O salão se encheu com mais detidos quando passou da meia-noite. Eram todos homens, e todos pareciam vir de repúblicas da antiga União Soviética. Georgianos, azerbaijanos, cazaques, armênios. Sua bagagem, quando tinham alguma, eram simples bolsas de lona ou estranhas sacolas de náilon gigantes remendadas com fita adesiva. Todos fumavam sem parar. Alguns falavam sussurrando. Nenhum demonstrava qualquer tipo de emoção ou preocupação. Eles faziam tanto esforço para me notar quanto os guardas, embora eu ali fosse claramente um peixe fora d'água: nervoso, de blazer azul, com BlackBerry e mala preta com rodinhas.

Liguei de novo para Elena:

— Conseguiu alguma coisa?

Ela suspirou do outro lado da linha.

— Não, e você?

— Nada.

Ela deve ter percebido a preocupação na minha voz.

— Vai dar tudo certo, Bill. Se for apenas um problema com o visto, amanhã você estará aqui de volta para resolver tudo. Tenho certeza — disse ela.

A tranquilidade dela me ajudou.

— Eu sei. — Olhei meu relógio: eram 22h30 na Inglaterra. — Vai dormir, meu bem. Você e o bebê precisam descansar.

— Ok. Te ligo assim que tiver alguma informação.

— Eu também.

— Boa noite.

— Boa noite. Amo você — acrescentei. Mas ela já havia desligado.

Uma faísca de dúvida me passou pela cabeça: *E se não fosse apenas um problema com o visto? Será que eu veria Elena de novo? Será que eu um dia conheceria nosso filho que ainda nem tinha nascido? Será que eu voltaria a ver meu filho David?*

Enquanto tentava espantar esses pensamentos tão sombrios, tentei me acomodar, deitando-me no assento rígido de várias cadeiras e usando meu paletó como travesseiro, mas as cadeiras eram projetadas para impedir que as pessoas dormissem nelas. Além disso, eu estava cercado por um monte de sujeitos mal-encarados. Como é que eu conseguiria cochilar rodeado por figuras assim?

Não conseguiria.

Sentei-me e comecei a digitar no BlackBerry, fazendo listas de pessoas que conhecera ao longo dos anos na Rússia, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos que poderiam me ajudar: políticos, homens de negócios, repórteres.

Chris Bowers me ligou uma última vez antes do fim do seu turno na embaixada e me garantiu que a pessoa que ficaria no seu lugar seria informada em detalhes sobre a situação. Voltou a perguntar se me haviam oferecido comida ou bebida. Respondi que não. Ele pediu desculpas, embora não houvesse nada que pudesse fazer. Ele claramente estava mantendo um registro de possíveis maus-tratos caso viesse a precisar. Depois que desligamos, pensei: *Merda.*

Àquela altura já eram duas ou três da manhã. Desliguei meu BlackBerry para economizar bateria e novamente tentei dormir. Tirei uma camisa da mala, joguei sobre os olhos e engoli a seco dois comprimidos porque tinha começado a sentir dor de cabeça. Tentei me esquecer de tudo e me convencer de que no dia seguinte eu iria embora. Era só um problema com meu visto. De qualquer jeito, eu iria embora da Rússia. Depois de um tempo, adormeci.

Acordei por volta das 6h30, quando chegou uma nova leva de detidos. Mais do mesmo. Ninguém como eu. Mais cigarros, mais cochichos. O nível do fedor de suor aumentara drasticamente. Sentia um gosto horrível na boca e pela primeira vez percebi que estava com muita sede. Chris Bowers tinha razão de me perguntar se tinham me oferecido algo para comer ou beber. Estávamos autorizados a usar um banheiro malcheiroso, mas aqueles desgraçados deveriam nos ter dado comida e água.

Apesar disso, eu tinha acordado me sentindo confiante de que tudo não passava de um mal-entendido burocrático. Liguei para Ariel. Ele ainda não tinha compreendido o que estava acontecendo, mas disse que o próximo voo para Londres partiria às 11h15. Havia apenas as seguintes alternativas para mim: eu seria preso ou seria deportado. Então procurei me convencer de que estaria naquele voo.

Fiz de tudo para me manter ocupado e respondi a alguns e-mails como se fosse um dia normal de trabalho. Falei com a embaixada, e o cônsul de plantão me garantiu que, assim que começasse o expediente nos diferentes órgãos, ele cuidaria do meu caso. Juntei minhas coisas e tentei falar com os guardas mais uma vez. Pedi a eles meu passaporte, mas eles continuaram me ignorando. Era como se aquela fosse a única função deles: permanecer sentados atrás do vidro e ignorar todos os detidos.

Fiquei andando de um lado para outro: 9h, 9h15, 9h24, 9h37. Meu nervosismo aumentava cada vez mais. Queria ligar para Elena, mas ainda era muito cedo em Londres. Telefonei para Ariel, mas ele ainda não tinha nada a dizer. Parei de fazer ligações.

Às 10h30, eu estava esmurrando o vidro e os guardas ainda me ignoravam com o mais impecável profissionalismo.

Elena ligou. Dessa vez ela não conseguiu me acalmar. Prometeu que daríamos um jeito naquilo, mas eu estava começando a acreditar que já não importava mais. Agora a imagem de Jude Shao era uma ameaça iminente na minha cabeça.

10h45: Comecei a realmente entrar em pânico.

10h51: *Como posso ter sido tão burro? O que leva um sujeito comum do sul de Chicago a acreditar que pode enfrentar e derrotar uma série de oligarcas russos?*

10h58: *Burro, burro, burro!* BILL, SEU BURRO PRETENSIOSO! SEU BURRO PRETENSIOSO DE UMA FIGA!

11h02: *Vou ficar preso numa penitenciária russa. Vou ficar preso numa penitenciária russa. Vou ficar preso numa penitenciária russa.*

11h05: Dois guardas de coturno irromperam salão adentro e caminharam resolutos em minha direção. Eles me seguraram pelos braços, reuniram minha bagagem e me tiraram do salão de detidos. Então me levaram pelos corredores e depois para um andar acima. Pronto. Eu seria jogado em um camburão e levado embora.

Mas, de repente, eles abriram uma porta e entramos no terminal de desembarque, caminhando bem rápido. Meu coração batia disparado à medida que passávamos pelos portões e pelos olhares abobalhados dos passageiros. Por fim,

chegamos ao portão de embarque do voo das 11h15 para Londres; dali fui escoltado até chegar ao avião e, depois de atravessar a classe executiva, colocado num assento do meio na classe econômica. Os guardas não disseram uma única palavra. Colocaram minha bagagem no compartimento superior e foram embora sem me devolver meu passaporte.

As pessoas a bordo se esforçavam para não ficar olhando, mas como evitar? Era impossível. Ignorei. Eu *não* estava preso numa penitenciária russa.

Mandei uma mensagem de texto para Elena, avisando que estava a caminho de casa e que nos veríamos. Disse também que a amava.

Decolamos. Quando ouvi o trem de pouso sendo recolhido para a fuselagem do avião, tive a maior sensação de alívio que já experimentara na vida. Ganhar e perder centenas de milhões de dólares não se comparava nem de longe com aquilo.

Atingimos a altitude de cruzeiro e começaram a servir o almoço. Eu estava sem comer havia mais de 24 horas. O prato servido naquele voo era uma espécie de estrogonofe terrível, mas foi a refeição mais saborosa que comi na vida. Repeti duas vezes, bebi quatro garrafas de água e logo depois apaguei.

Só acordei quando o avião tocou a pista do aeroporto em Londres. Enquanto taxiávamos até o terminal, fiz mentalmente uma lista de todas as coisas que teria de resolver. A primeira e mais importante seria passar pelo controle de imigração e alfândega sem passaporte. Mas isso seria fácil. A Inglaterra era o meu lar e, desde que ganhara cidadania britânica, no fim dos anos 1990, passara a ser o meu país adotivo. O problema maior era a Rússia. Como eu ia sair daquela encrenca? Quem era o responsável por tudo aquilo? A quem eu poderia recorrer na Rússia? E no Ocidente?

O avião parou, o aviso soou pelo sistema de alto-falantes e todos os cintos de segurança foram desafivelados. Quando chegou a minha vez, caminhei pelo corredor em direção à saída. Eu estava desesperado de preocupação, a ponto de, ao me aproximar da porta, não notar o piloto acompanhando o desembarque dos passageiros. Quando estava diante dele, meus pensamentos foram interrompidos por sua mão estendida para mim. Nela estava o meu passaporte britânico. Peguei o documento sem dizer nada.

Passei pela alfândega em cinco minutos, peguei um táxi e fui para casa. Ao chegar, dei um longo abraço em Elena. Nunca me senti tão agradecido pelo abraço de outra pessoa.

Disse a Elena que a amava demais, e ela me lançou um sorriso meigo. De mãos dadas, conversamos sobre os apuros por que passei, fomos para o escritório que compartilhávamos em casa e nos sentamos às nossas mesas. Ligamos os computadores e começamos a trabalhar.

Eu tinha que descobrir um jeito de voltar para a Rússia.

Bill Browder iniciou sua vida adulta como um rebelde de Wall Street cujos instintos o levaram para a Rússia logo após a queda da União Soviética. E foi ali que ele fez fortuna.

Esta é a trajetória de um ativista por acidente.

Ao longo do caminho, ele expôs casos chocantes de corrupção no país e por muito pouco não consegue escapar com vida. Seu advogado russo, Sergei Magnitsky, não teve tanta sorte assim: terminou na cadeia, onde foi torturado até a morte. Aquilo mudaria para sempre a vida de Bill Browder. Depois de entrar em contato com cerne assassino do regime de Vladimir Putin, ele passou os últimos anos em uma luta incansável para expor o que viu. Por causa disso, veio a se tornar o inimigo número um de Putin, principalmente depois de contribuir para a criação de uma lei nos Estados Unidos que puniria os russos envolvidos na morte de Sergei. A famosa retaliação de Putin abriu os olhos do mundo: o líder do Kremlin criou uma lei que proíbe americanos de adotar crianças russas.

Ao mesmo tempo uma aventura no mundo financeiro, um thriller criminal e uma cruzada com casos de polícia, *Alerta vermelho* é a história de um homem que foi contra todas as probabilidades em busca de mudar o mundo. E foi a partir daí que encontrou, mesmo sem esperar, um sentido para a sua vida.

SAIBA MAIS:
www.intrinseca.com.br/livro/662